

Tematizando o Maracatu nas aulas de Educação Física no CIEJA Campo Limpo: macumba, amor, resistência e outras significações

Marcos Ribeiro das Neves

Essa tematização foi realizada nas aulas de Educação Física do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA Campo Limpo). As aulas ocorreram no período da manhã com uma turma de alfabetização. O projeto teve duração de sete meses, iniciou-se no mês de março e foi finalizado no final do mês de setembro. O público atingido foram os educandos com idade entre 15 e 60 anos.

A temática teve como objetivo desconstruir as narrativas preconceituosas que emergiram durante os primeiros momentos de conversação em sala de aula.

Nesse sentido a narrativa do colonizador foi questionada e desconstruída por diferentes dispositivos de diferenciação pedagógica. O trabalho pode ser uma importante possibilidade de trabalhar com os professores da rede municipal que desejam atuar com os conhecimentos dos grupos que estão à margem da sociedade.

Durante esse tempo de realização a temática que envolve as etnias e nesse caso, os negros, foi abordada com profundidade e nesse processo os envolvidos entenderam como a construção do Outro é produzida na sociedade e quais são as relações de poder que os colocam em certas posições de sujeito no interior da cultura.

No início do ano de 2017, a comunidade escolar (professores, direção e alunos) do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) Campo Limpo se reuniu para pensar o tema do projeto para o ano. Nesse período acompanhei uma pedagoga que acabara de ingressar na escola e realizamos com a turma (Liberdade), um mapeamento sobre o que eles gostariam de estudar. Para realizar esse trabalho, a escola partiu de duas questões centrais: O que queremos aprender? E como podemos pensar, juntos, esse caminho?

Durante o processo de construção coletiva os estudantes pontuaram que queriam entender mais sobre as culturas periféricas e suas características. Nesse movimento, eu pensava como a Educação Física poderia contribuir com o projeto e, ao final da consulta aos alunos, mapeamos diferentes informações para o “tema gerador.

. Durante a conversa, uma aluna nos procurou e disse que na família dela havia brincantes de maracatu, abrindo a bolsa e tirando duas fotos de seu pai brincando de maracatu rural. Naquela comunidade ele era “*caboclo de lança*”.

Para a escolha do tema também levamos em consideração outras percepções. Depois de conversar com a aluna e socializar o tema com a turma, muitos alunos que têm suas crenças

religiosas não gostaram e murmuraram diante dessa possibilidade de trabalho escolar. Para alguns deles, seria uma péssima opção estudar “*coisas do demônio*”. Mas, para mim, estava posto mais um desafio: enquanto professor não tinha conhecimento algum sobre aquela manifestação, mas a professora com quem dialoguei durante a escolha do tema do projeto já tivera contato com alguns brincantes aqui em São Paulo.

A escolha por uma manifestação desconhecida propiciou um momento de aprendizado junto aos estudantes. Estar nessa condição me levou a procurar fontes para começar a pensar no projeto e ter condições de problematizar a prática no interior do currículo cultural. Sensível à minha condição de não saber quase nada sobre o maracatu, fiz buscas na internet e encontrei um curso que seria proferido por um grupo chamado “Bloco de Pedra”.

A busca por informações me fez exercitar a condição de etnógrafo. Pois esse procedimento me permitiu mergulhar no mundo do maracatu e aprender com os representantes da prática corporal e com isso trazer seus conhecimentos para a escola. Então, realizei o curso, li livros para entender mais sobre essa manifestação cultural e iniciei a tematização junto àquela turma.

Para iniciar o trabalho pedagógico, organizei um mapeamento montando uma apresentação com algumas imagens de brincantes do maracatu. Durante a primeira aula, pedi apenas para eles observarem as fotos.

Depois de passar as imagens, eles assistiram um vídeo sobre brincantes de Maracatu rural e fiz a leitura de algumas questões que estavam no final da apresentação: O que vocês pensam ao ver essa imagem [referindo-me a essa imagem acima]? O que é isso para você? O que vocês sabem sobre isso? Conhecem alguém que brinca maracatu? Existe essa prática no seu bairro?

Aos poucos os estudantes se encorajaram a falar o que pensavam. Um deles afirmou que, para ele, “*Maracatu era coisa do demônio*”. Durante a conversa, outros murmuravam e diziam palavras que remetia à igreja evangélica como: “*Sangue de Jesus tem poder!*” ou “*Eu não vou estudar essas coisas do demônio, não!*”.

Na aula seguinte, passei um vídeo e agora o exercício foi de criação de questões pelos próprios alunos para pesquisarmos sobre o maracatu. Também, coloquei na lousa algumas delas como: Por que eles colocam uma flor na boca? Que mês ou ano eles brincam maracatu? Qual o significado da palavra maracatu? Como eles se organizam? Qual é a relação que eles têm com a religião? Por que maracatu é uma nação?

Depois de escrever as perguntas, fomos para a sala de informática para buscar encontrar algumas respostas. Durante a atividade, uma das estudantes bateu o teclado do computador e

se demonstrou muito irritada. Na conversa ela me falou que leu no site que acessou que no maracatu tem influências do candomblé e disse: *Professor, isso é coisa de Exu*, e por conta disso afirmou não ia pesquisar mais nada. Outro aluno também se mostrou irritado, chamou-me de canto e disse que era evangélico e “*Esse trabalho estava ficando pesado*”.

Seguindo o trabalho, pensei em propor uma vivência para aprofundar e exercitar a desconstrução das ideias a respeito do maracatu. Naquele momento, achei importante eles entenderem a escravização dos negros no Brasil e o porquê que a gente pensar e estranhar os saberes desse grupo. O processo de desnaturalização é importante para os estudantes perceberem que ninguém nasce em certas condições.

Para pensar essa aula me apropriei dos conhecimentos que adquiri do curso de maracatu e contei com a ajuda da minha companheira Bruna, que é historiadora e professora da rede municipal de Educação, para organizar um encontro para debater a vinda dos negros à América como mercadoria. Então, preparei uma apresentação de *slides* com algumas imagens do continente africano e outras imagens para comparar antigos quadros que representam de forma distorcida a chegada dos negros escravizados e um vídeo.

No início da aula, lancei algumas questões, como: O que vocês sabem sobre a presença do negro no Brasil? O que sabem sobre a África? A África é um país ou um continente? Como vocês acham que são as pessoas africanas e como elas vivem? Qual imagem que vocês acham que representa melhor a África? Todos disseram que a África era um país e aqueles que responderam as questões disseram que “[...] a escravidão foi uma coisa muito ruim.”, que na África “[...] as pessoas vivem na miséria.” e a imagem que vem na cabeça é de um lugar pobre e miserável.

Levei outras informações sobre o continente, destacando a diversidade de culturas ao mostrar um mapa da divisão política atual. Depois passei uma imagem sobre a diversidade étnica e na sequência mostrei a rota dos navios que vieram daquele continente, especialmente de Guiné, Congo, Angola, Moçambique, para o Brasil. Ainda, mostrei uma imagem de como o colonizador branco representou a vinda dos negros e comparei com outras imagens que relatavam o interior do navio negreiro e os negros sendo vendidos no Cais do Valongo, no Rio de Janeiro.

Os estudantes ficaram indignados com as imagens, disseram que aquilo era “*terrível demais*” e que não imaginavam “*tamanha crueldade*”. Depois disso, assistimos um trecho do filme *Amistad*, de Steven Spielberg, pois, para esse longa-metragem representa um pouco da condição real da escravização dos negros em contraste com o apoio que governos americanos deram para outros estrangeiros se estabelecerem em terras locais.

Ainda, pontuei como os negros são significados na sociedade, dando exemplos das diferentes narrativas coloniais que inferiorizam esse grupo. E citei frases utilizadas pelo senso comum, como “*Negro quando não caga na entrada caga na saída.*” e “*Amanhã vou trabalhar que é dia de branco*”. Durante a explicação, um dos estudantes complementou que “[...] *devemos ter cuidado com as piadas.*” e pediu para eu deixá-lo mostrar um vídeo de uma peça de *stand up comedy* que o comediante alertava sobre o perigo das piadas e das brincadeiras discriminatórias e preconceituosas. O aluno se levantou, ligou o celular e mostrou o vídeo para os colegas e, com isso, expliquei como o preconceito expresso em piadas interfere na maneira de nós olharmos as pessoas.

Depois dessa leitura entrei na discussão sobre a criação do maracatu que, segundo a narrativa passada no curso de maracatu, nasceu da necessidade de resistência e sobrevivência da dominação das pessoas brancas sobre as negras. Por isso, é um festejo que celebra a coroação dos reis e rainhas vindas do Congo e outros países da África. Também expliquei que o maracatu é uma brincadeira que representa a trajetória de reis e rainhas africanos e pormenorizei o que é uma nação dentro do maracatu, um estandarte, uma toada, calunga e como as pessoas se tornavam mestres de maracatu¹. Ao final um dos estudantes pediu a palavra e disse: “*Professor, na aula passada, fomos para a sala de informática e sai da aula achando que maracatu fosse macumba. Hoje já entendo que maracatu é história, é cultura de um povo*”. E outro aluno complementou: “*Para mim, maracatu é a brincadeira de um povo*”.

Feito isso, combinei com uma professora de na aula seguinte compartilhar seus saberes sobre o maracatu, como aconteceu. Essa atividade foi feita porque durante o mapeamento, essa colega me falou que já havia feito uma oficina com brincantes de maracatu, na cidade de São Paulo. A brincadeira, segundo ela, dá condições de as pessoas começarem a vivenciar a dança. Para realizá-la, a brincadeira precisa de certo movimento corporal.

Durante a vivência, tocamos uma música de maracatu e a turma ficou em círculo. A brincadeira tinha como objetivo que duas pessoas entrassem na roda com um chapéu na cabeça e tentasse um tirar o chapéu da outra. Para que isso não acontecesse, um teria que atacar e se defender do outro, com diferentes movimentos corporais, também fizemos uma brincadeira com cabo de vassoura onde ganhava quem conseguia encostar esse objeto na ponta do pé do adversário.

¹ Mestre no maracatu são as pessoas que ficam responsáveis por coordenar o cortejo na hora da apresentação. Para se tornar um mestre em uma nação a pessoa precisa ser autorizada por entidade religiosa.

Depois, passei o trecho de um vídeo em que uma pessoa dançava três passos diferentes de maracatu e pedi para cada um escolher um passo para vivenciá-lo. Importante destacar que o maracatu rural é um cortejo que a sua dança ainda não foi pedagogizada, por isso, não existe nenhum vídeo que ensine a dançá-lo. Mesmo assim, é válido mencionar que seus passos representam os movimentos de cortadores de cana que vivem na zona da mata de Recife, em Pernambuco, mas na gestualidade da dança existem elementos de muitas outras expressões culturais, como de frevo, forró e capoeira. Desse modo, podemos dizer que os gestos são “livres”.

Na aula seguinte começamos a analisar letras de maracatu rural. Separei algumas músicas (loas), do grupo Leão Misterioso, do Mestre João Paulo. A Loa fala sobre o racismo e a posição de sujeito que as diferentes pedagogias culturais produzem sobre o negro. A escolha dessa música se deu justamente por conta da temática debatida em sala de aula, e porque traz discussões relevantes sobre o preconceito étnico e como isso é produzido até os dias atuais, até nas novelas, quando os negros fazem o papel de empregados e serviços domésticos.

Durante a aula, ouvimos a letra da música por algumas vezes e a partir de um trecho pedi para que os estudantes criassem uma frase dentro de cada verso. Essa atividade foi pensada para exercitar a criação de músicas que seriam utilizadas na avaliação pedagógica final.

Na semana seguinte, recebemos integrantes de um grupo de maracatu, o Bloco de Pedra (grupo de maracatu que ensaia no bairro da Vila Madalena). No encontro vieram dois representantes que se dispuseram a conversar e socializar com os alunos os conhecimentos sobre a brincadeira. A solicitação e a visita foram pensadas para os estudantes ampliarem seus saberes sobre o maracatu e sobre os instrumentos musicais que compõem a manifestação.

Antes do contato com os brincantes, realizamos conjuntamente a construção de um questionário para entrevistá-los. Perguntei quais questões achavam pertinentes de realizar e os alunos colocaram: O que é maracatu? O que significa o maracatu para eles? E quais as diferenças entre maracatu rural e nação?

Na ocasião, recebemos a visita de Fabio e de Ciça, sentamos em círculo e deixei que eles tomassem a frente do encontro. Ciça pediu para que cada um se apresentasse e depois da apresentação pessoal dos convidados um estudante, que não quis sentar no círculo e preferiu ficar um pouco mais distante e em posse de um papel e uma caneta em mãos, realizou a primeira pergunta: *“Para mim isso é macumba, é isso mesmo?”* E a Ciça respondeu: *“Olha, pode até ser. mas não estou vendo aqui vela, ninguém aqui está cultuando nada, quando a gente vê uma oferenda na rua que não é macumba, mas muito chamam assim, não tem instrumento. Para mim não tem como ser macumba”*.

Fábio entrevistou afirmando que “*Maracatu era amor*”, porque simbolicamente o aproximava do irmão que havia falecido bem no dia que ele tinha um cortejo para apresentar. Também exteriorizou outras significações sobre o maracatu, como o fato de estar atrelado à luta de um grupo que veio escravizado para o Brasil e de ser um meio de sociabilidade e de realizar amizades, pois a partir dessa prática teve contato com outras classes sociais e ampliou o círculo de amigos de outros bairros. E concluiu: “*Maracatu é coleguismo, é uma palavra que define também o que é isso para mim*”.

Ciça falou que maracatu para ela é “*resistência*” e que propicia felicidade em ter amigos e que é um momento legal de viver aos sábados à tarde, afirmando que maracatu é união entre as pessoas: “*O maracatu é um momento de compartilhar, um com o outro, amor e resistência*”.

Então, um dos estudantes problematizou: “*Por que maracatu?*” E Ciça explicou que vem da raiz “maraca” tem a ver com tambor e ritmo: “[...] *maracatu parece uma paixão*”.

Depois da resposta, problematizei com algumas questões: Dê onde vem esse tambor? Qual é a origem? Aproveitando esse assunto, fiz outra questão para discutir os marcadores identitários dos grupos e suas diferenciações, pedi para explicarem por que as alfaias, tipos de tambor, têm as cordas amarradas com diferentes nós? O que isso quer dizer? Fábio levantou, pegou uma alfaia e explicou as marcas identitárias de três nações: Nação de Porto Rico (NPR), Nação Estrela Brilhante de Recife (NEBR) e Nação Estrela Brilhante de Igarassu (NBI). Segundo ele, as diferenciações começam com a posição do instrumento próximo ao corpo, os nós e a maneira como as baquetas batem no instrumento.

Na NPR, a alfaia fica bem baixa próxima do joelho, os praticantes utilizam o instrumento distante da cintura porque durante baque (toque) os movimentos reproduzem elementos das ondas e de pescadores. Além do som que toca em um ritmo mais lento e às vezes mais intenso como as ondas do mar, o nó do instrumento é em formato de rede e, na hora de tocar a baqueta de rebate tem a função de abafar o som.

Na NEBR, a alfaia tem um nó em forma de estrela, o instrumento fica próximo da cintura e o baque é tocado com as duas mãos na mesma intensidade de força. Por fim, na NBI, o instrumento fica um pouco mais acima do joelho, o baque é mais rápido e a mão que faz o som mais forte é a que fica com o rebate (pedaço de árvore de goiabeira), chamada de bacalhau. Em termos de som, o toque dessa última nação acaba sendo ao contrário da NPR. Toda essa diferenciação na hora do baque é chamada de sotaque.

Então, Ciça ensinou sobre os outros instrumentos, gonguê, caixa, agbê e mineiro. E ajudou os alunos a fazerem uma leitura desde a origem deles até o sotaque característico de cada nação. Ainda explicou que o gonguê é o instrumento de origem medieval, que define na

hora do cortejo qual baque será tocado, ele é o instrumento que manda na hora do toque, o seu som ajuda os brincantes a definirem qual baque será tocado no momento.

A caixa que foi incorporada ao maracatu tem proximidade com o exército e em cada nação ela é usada em uma parte diferente do corpo. O agbê é um instrumento feito de cabaça e miçangas, não se usa em todas as nações e sua origem tem relação com os indígenas e povos africanos. Aos poucos, os convidados tocavam os alunos, que entendiam as diferenciações das posições das mãos, do instrumento no corpo e do ritmo de cada nação. Por fim, os convidados apresentaram o mineiro, um instrumento em forma de canudo com sementes dentro é predominantemente usado na NBI.

Além disso, levaram uma saia chamada de chita, que é utilizada pelo naipe da dança. No maracatu de nação cada parte é chamada de naipe. Antes de tocarem e finalizar o encontro, os convidados contaram que na nação de maracatu quem apita o cortejo precisa ser uma pessoa reconhecida pelo coletivo, só ela pode apitar, mas que, no grupo de maracatu, tem outras pessoas que podem fazer isso, não existe a necessidade de ser por uma única pessoa. Essa foi a última aula antes do recesso escolar dos estudantes, no meio do período letivo.

Na volta do recesso, retomei a entrevista feita no último encontro. Com uma caneta, desenhei na lousa os instrumentos musicais que compõem os diferentes napes do maracatu nação, trouxe para a sala uma alfaia e fiz questões para que os alunos lembrassem do encontro com os brincantes do maracatu. Expliquei novamente os marcadores identitários e o processo de diferenciação marcado nos instrumentos das diferentes nações ou grupos de maracatu.

A ancoragem social do maracatu também se faz presente nos instrumentos e nos movimentos corporais na hora de tocá-los. Na NPR, o baque representa as ondas do mar, a extrema relação que eles têm com Iemanjá, com as ondas do mar e com os pescadores.

Depois coloquei na lousa três linhas verticais com uma questão no alto do quadro branco. O que os diferencia? Naquele momento, passava os vídeos e perguntava: Como eles dançam no maracatu rural (passava o vídeo) e no maracatu nação (passava o vídeo)?

MARACATU RURAL	PONTOS EM COMUM	MARACATU NAÇÃO
Interior do Recife	Estandarte	Mais urbano
Caboclo de lança	Gonguê	Alfaia, Agbê
Cada um cria a sua roupa	Mestre	Todo mundo usa a mesma roupa
Rima e Versos feito na hora	Recife	Música criada antes
Improviso		

Dança tem elementos do Frevo, xaxado, capoeira e samba de roda		Ensaaios Passos da dança com movimentos dos soldados
--	--	---

Nesse momento dois estudantes que tinham acabado de ingressar na escola levantaram a mão e disseram que se mudaram de Recife, onde moravam na Zona da Mata, para São Paulo. Também um deles contou:

Professor? Quando eu era pequeno, a gente via lá no canavial o pessoal com essas roupas e a gente saia correndo de medo, é o caboclo de lança! Tem bastante disso por lá, eles pegam uns pedaços de cana e ficam brincando e ensaiando. Bem legal professor, a gente precisa sair lá do Recife para ver isso aqui em São Paulo, muito louco!

Depois da exposição e do diálogo, pedi para os alunos responderem duas questões em uma folha e me entregar: O que é maracatu para vocês? E o que aprenderam na aula de hoje?

“Professor, achei que fosse religião, mas agora sei que é uma disputa”.

“Maracatu para mim é uma manifestação cultural onde as pessoas se encontram para festejar a amizade, o amor e a união”.

“Maracatu é um esporte”.

“É uma comemoração entre negros, índios e escravos em dança, apresentações e movimentos”.

“Maracatu é uma cultura Africana”.

“Para mim é brincadeira, cultura, conhecimento”.

Enquanto para a segunda pergunta, os estudantes responderam:

“Aprendemos que maracatu é música, amizade e que tem dois tipos de maracatu”.

“Aprendi sobre os instrumentos e sobre a cultura”.

“Nós aprendemos os significados das danças culturais e as diferenças dos instrumentos”.

“Eu aprendi na aula que é sempre tempo de aprender novas coisas, História do lugar”.

“Que significa o som do maracatu, nação, cultura, uma herança do passado”.

“Os instrumentos, a batida, os escravos que foi para a luta, e quando voltaram não tiveram a promessa e foram para favela, mas eram guerreiros e voltaram”.

Na aula seguinte, fizemos uma vivência com os passos do maracatu nação. Diferente do maracatu rural, no maracatu nação os passos reproduzem a gestualidade dos soldados, por isso, que observamos nos vídeos gestos parecidos com movimentos de marchar.

Para a avaliação final, o grupo teve que construir coletivamente um cortejo. Naquele encontro, tiveram que decidir quem ia participar de cada naípe (dança, instrumentos), quem vai ficar responsável pelo apito (que conduziria o cortejo), quem ia construir o estandarte e as loas (músicas).

No último momento da aula, fizemos o mesmo procedimento para a escolha do tema da Loa. Depois de aparecer algumas sugestões, o coletivo votou e escolheu que a música abordaria o tema *“Amor sem preconceito”*. Antes de finalizar um aluno levantou a mão e disse:

Professor, antes da aula eu estava cheio de preconceito e incomodado porque a gente vem para escola para ter aula e eu não estava vendo isso, já que estou ingressando na escola nessa semana, mas, a partir de hoje, vi que não é nada disso e quero te pedir desculpas por hoje.

O Cieja Campo Limpo organiza anualmente um seminário étnico, esse encontro reúne professores da rede municipal e outras entidades para debater sobre o tema. Esse trabalho abriu o evento com um cortejo realizado pelos estudantes.